

Assistência pastoral in-extremis

FREDERICO VITOLS

Ezeq. 33:2-20

Sinopse pastoral in-extremis:

- É a sua maior oportunidade de falar de Cristo.
- É a melhor hora de ganhar uma alma.
- É o momento quando a alma se recupera e a razão deixa de tergiversar.
- Usar textos bíblicos somente.
- Manusear frases certas, claras, e assimiláveis.
- Orar constantemente pelo doente.
- Visitas rápidas e repetidas.
- Evitar polêmicas.
- Respeitar as convicções do doente.
- Falar somente de Cristo.
- Colocar-se numa posição em que o doente possa vê-lo e ouvi-lo melhor.
- Esperar pela ação do Espírito Santo.
- A pessoa será ganha para Cristo.
- O Ministro terá feito a sua missão.

Os grandes contrastes:

Um menino de 10 anos, que aprendi a respeitar, na hora da morte, ouviu um côro maravilhoso; acordes dulcíssimos enchem a casa tôda. Os pais ouviram. As pessoas presentes também. Foram lá fora

agradecer a gentileza do côro da igreja. Mas lá não havia ninguém.

Versus,

O grande tribuno da Revolução Francesa, Mirabeau que na hora trágica de sua vida gritava: “Dêem-me mais laudano para que eu possa esquecer da eternidade.”

— ○ —

Estevão, o primeiro mártir cristão, vergado sob a chuva de pedras, banhando-se em sangue exultava: “Vejo os céus abertos e o Filho do homem em pé à destra de Deus”.

Versus,

Gothe, criador do “Aufklärung”, que aos 8 anos compôs um ensaio em latim sobre o cristianismo e o paganismo e aos 82 anos completou a sua maior obra, a segunda parte de Fausto, mas ao morrer exclamou: “Mais luz!” Morreu, o grande iluminista, nas trevas.

— ○ —

Numa tarde comum e inexpressiva entrei pelas portas da Santa Casa de Misericórdia em visita a um doente. Tinha recebido aviso que um membro da igreja estava

lá em tratamento de saúde, porém, nada de grave. Grande, portanto, foi a minha surpresa quando a enfermeira me informou que o mesmo estava em estado de coma. Aproximei-me do leito. Olhei, e vi que o doente não era o meu. Voltei, e ia-me afastando, quando um estranho poder deteve meus passos. Tive que voltar. Fiquei ao lado do agonizante. Contemplei-o: respiração rápida, rosto intumescido, nariz vermelho de bêbado, barbudo, cabelo revólto, desamparado e desconhecido. Lá estava um traste humano esquecido por todos. Orei. Coloquei a minha mão sôbre a sua testa, procurando transmitir-lhe, assim, a solidariedade minha. O doente estremeceu. — “Crê no Senhor Jesus e serás salvo”; nôvo estremecimento. — “O sangue de Jesus nos purifica de todo o pecado”; mais estremecimento. E à medida que eu ia citando os textos da Bíblia, o homem me respondia por meio daquelas contrações musculares. Percebi que estava me ouvindo e sentindo a minha presença. Cada fibra e cada nervo do seu corpo gritava por socorro e agradecia pela luz salvadora que invadia os porões de sua alma. Deus salvou aquele trapo de homem. Gasto pelos vícios e corroído pela doença, achou alívio nos braços de Jesus.

A razão de tudo isso, atribuo ao fato de que alguém, um parente distante, um amigo ocasional, tenha orado pela sua salvação, e Deus ouviu esta oração. A mensagem de Cristo lhe foi entregue.

Cheguei a compreender que mesmo em estado de coma (ou aparente estado de coma), vale a pena

falar de Cristo. Pois nas profundezas do subconsciente, como num sonho distante, a alma debate-se em busca da liberdade que a leve à redenção, embora o corpo esteja inerte.

Quando uma pessoa se aproxima aos umbrais da eternidade, cede ao argumento da fé, pois desmoronam-se os diques de justiça própria, e aluem os preconceitos. O homem redescobre-se e sente que depende de Deus sômente.

Rudyard Kipling, autor do poema “If”, laureado com o Prêmio Nobel de literatura, chamado o poeta do Império Britânico, em que o sol não se põe, estava doente em São Francisco da Califórnia. Na hora da crise, altas horas da noite, envólto por um silêncio opresso, a enfermeira viu seus lábios se moverem, porém, sem som. Ao aproximar o ouvido à bôca do ilustre paciente, ouviu-o murmurar: “Eu preciso de Deus”. É nessa hora que os homens, indistintamente, se inclinam para Deus; quando o mérito pessoal se esboroa no pó da ilusão e quando a alma sobrenada à razão. O pecado pode ofuscar a mente mas nunca a alma. A razão pode negar o seu criador mas nunca a alma, que o confessa sempre. Deus a colocou no homem quando disse: “Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança”. Depois, o pecado fêz com que o corpo perecesse, a razão se revoltasse e a alma perdesse a sua pureza. Mas, sendo esta imortal, reage e busca, afanosamente, o que perdeu; o paraíso perdido; a presença de Cristo.

Essa busca da alma pela sua redenção é a síntese da vida hu-

mana. É o drama também. Tom Paine, o célebre político e escritor, na hora suprema de sua vida suplicava: "Daria mundos, se os tivesse, para nunca ter escrito "A IDADE DA RAZÃO". Oh, Senhor, ajuda-me; fica comigo! É inferno sentir-se só.. Errou a vida inteira para somente encontrá-lo na hora da morte.

Repitamos: a vida do homem consiste em buscar. É a alma em ação. E se busca, é que algo lhe falta. O homem pensa que sabe o que deve buscar, mas não sabe. Busca saúde, busca dinheiro, busca prazeres, busca ciência, busca conceitos. Vive buscando. Busca até à morte, quando a alma, novamente, reassume a liderança sobre a razão e leva o homem à fé. É nessa hora de sua vida que o homem chega a perceber o que êle estava buscando, em vão, durante a vida tôda: o Cristo crucificado.

Em 21 de dezembro fui chamado ao lado duma senhora de 99 anos de idade. Lúcida, prendada, e teosofista por longas décadas. Outras vezes eu lhe havia falado de Cristo, mas, as suas virtudes e as boas obras ofuscavam a luz que vinha da cruz de Cristo. Agora, porém, de cama, contemplando o sombrio além, alvoroçava-se. O seu coração ansiava por algo que não tinha. Oramos. Senti que Deus estava operando. E quando citei as palavras de Jesus: "Eu sou a ressurreição e a vida, quem crê em mim, ainda que morra, viverá", cruzou as mãos em oração e exclamou: — "Jesus, não mereço esta graça!" Foi quando Jesus a salvou. A graça divina penetrou no coração que se esvaziou da jus-

tiça própria. O que as boas obras acumuladas por quase um século (99 anos) não conseguiram, conseguiu-o um pequeno versículo da palavra de Deus em menos de um minuto.

É bom que saibamos que nesses momentos a razão deixou de ter-giversar e a alma assumiu a liderança. É a melhor hora dum ministro da palavra de Deus; é a sua, às vezes, única oportunidade de pregar a salvação pela fé em Cristo às pessoas mais difíceis e às mais renitentes. Tudo agora é fácil, simples e eficiente. Da nossa parte, usemos frases, exclusivamente bíblicas, curtas, claras e assimiláveis "para que possa ler quem passa correndo" (Hab. 2:2).

Às vezes encontramos contrastes, casos difíceis. Como aquela senhora que visitamos no início deste mês. Operada, não havia esperança de recuperar-se. Mas, quando percebeu que íamos falar de Cristo e orar por ela, agitou-se, e em palavras acres escusou-se de ouvir a palavra de Deus, como também que orássemos por ela. Orávamos, então, na sala ao lado, em companhia de seu espôso que desejava a presença de Cristo.

Em casos assim, não se deve insistir. Nunca se impõe coisa alguma a quem quer que seja. É contraproducente violar uma consciência. Respeita-se a convicção do doente. Nessas ocasiões, o que um pastor pode e deve fazer é orar, constantemente, pelo doente e querer-lhe bem do fundo do coração. Esta atitude é sentida pelo enfêrmo e correspondida. O Espírito Santo fará o resto.

Não me esqueço dum senhor

pelo qual a filha intercedia sem esmorecer. Insistia ainda em tôdas as quartas-feiras na igreja, que orássemos pela conversão de seu pai. Isso, quase se tornou uma caceteação, pois os anos corriam, e o homem não se abalava. Quando conversávamos, sentia-se tão feliz com o seu materialismo, que não havia jeito de convencê-lo. Enviuvou. Tornou a ficar noivo. Marcou o casamento. As orações, porém, continuavam. Orava-se pelo homem que nunca havia pôsto os pés na igreja. Adoeceu. Visitei-o. Nada. A doença agravou-se. Sentia dôres profundas e contínuas. Não dormia mais. Os médicos não lhe declaravam o mal e não havia remédio para minorar-lhe a dor. Sou chamado de nôvo. Noite. — “Pastor, ajuda-me, não posso mais!” Oramos. Falo de Cristo. Seus olhos tornam-se suaves, luminosos. Agarra a minha mão e rende-se aos pés de Jesus. Pouco depois, a alma vôa para os tabernáculos celestes onde se encontra com o seu grande amigo, Jesus.

Ora-se, portanto, sempre, mesmo que os casos sejam difíceis.

Rejeitar a Cristo, definitivamente, é pecar contra o Espírito Santo. É um pecado que não tem perdão e a situação é dolorosa. Nietzsche, filho de pastor protestante e criador do “Super-homem” alemão, chegou a afirmar que depois da sua morte, não diriam mais o ano da graça de Jesus Cristo, mas sim, o ano tal, de Nietzsche. No fim de sua vida, massacrado pelo próprio complexo, sofria de demência. Nos poucos intervalos de lucidez, que surgiam de quando em quando, referindo-se a Cristo, exclamava:

“A sombra do desgraçado me persegue!” Morreu sem perdão, vazio e esquecido.

Pecar contra o Espírito Santo é resistir ao mesmo. É o Espírito Santo que convence o homem do pecado e o leva a Cristo. Se o homem não se sujeita ao Espírito Santo e não aceita Cristo como seu Salvador, quem o salvará e quando? — Ninguém e nunca. Entretanto, o texto de Mateus: “... não lhe será perdoado nem neste mundo, nem no vindouro”, tem causado males irreparáveis com a sua falsa interpretação de pecados imperdoáveis nesta vida e outros tantos perdoáveis na eternidade. As palavras de Mateus, escritas para judeus em aramaico (chamado hebraico), não passam de um idiotismo hebraico e, simplesmente, quer dizer: “nunca”. Marcos que escreveu mais ao mundo gentio e usa a frase: “não tem perdão para sempre”, ainda mantém um certo matiz hebraico. Lucas, porém, helenista culto, num estilo exato usa a frase: “não tem perdão”. A expressão de Lucas é equivalente à de Mateus e significa que, quando uma pessoa resiste ao Espírito Santo, comete um pecado que nunca pode ser perdoado, visto que não se operou a conversão a Cristo.

O perigo dessa má interpretação do texto de Mateus, consiste em que o pastor ao socorrer um doente, possa pensar que o mesmo tenha cometido um pecado imperdoável e que a sua missão é inútil ou, que a pessoa que não se converte agora, será salva no futuro, o que lhe tira o estímulo de luta. Para o pastor, ambas as atitudes são enormemente prejudiciais, pois tira-lhe

tôda a autoridade moral e espiritual sôbre o doente. Isto repercute no doente, que o sente, e a sua salvação fica prejudicada, se não, perdida. Enquanto o doente possuir o fôlego de vida e uma centelha de lucidez, cremos na salvação de sua alma. Preguemos com fé firme e plena convicção que Cristo salva sempre e salva agora mais do que nunca.

E ao abordarmos a morte, falemos em côres claras e palavras repousantes. A morte é uma bem-aventurança, prêmio dos santos, janela no fim da jornada, flor que desabrocha à noite, aurora da eternidade, saudade que vive, descanso no Senhor, esperança que ressurge.

“Bem-aventurados os que morrem no Senhor”. (Ap. 14:13).

↳